

Na palavra que renova,
O fogo revel da prova
Agora é bálsamo e luz.

E o pobre, ante a paz bem-vinda,
Embora chorando ainda,
Bendiz o amor de Jesus.

MISSIVA AO COMPANHEIRO

Toda vitória insensata,
Além, na Luz Infinita,
Tem gosto de patarata
Que não sofre contradita.

O orgulho é a velha bravata
Que a morte desfaz sem grita,
Deixando mofo e sucata,
Revolta, choro, desdita...

Sòmente a vida correta,
Guardando Jesus por meta,
Faz a estrada livre e enxuta.

Se não queres a derrota
Da ilusão que abraça e enxota,
Trabalha, edifica e luta.

to, de escrever a amigos cartas em versos.» (Município de Pirai, Estado do Rio, 18 de Novembro de 1881 — Desencarnou em 13 de Novembro de 1948.)

3-4. *Ei-lo... o Espírito...* — “um pronome pessoal ou o demonstrativo átono o, explicados em seguida por uma espécie de aposto:

“Os homens não são dignos nem de ouvi-las,
As queixas do infeliz”

(Garrett, *Camões*, c. III, XXI, in Sousa da Silveira, L.: 278.)

8. O poeta refere-se à palavra do doutrinador.

PAULO SÉRGIO Milliet Duarte da Costa e Silva *



CARTA A MEU PAI

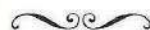
Ninguém te ouviu a prece de esperança,
Quando entregaste ao berço, de mansinho,
Meu pobre coração de passarinho
4 Engastado no corpo de criança.

Calado herói do bem que não descansa,
Tanta vez a lutar, mudo e sòzinho,
Ninguém te enxerga o pranto de carinho
Com que me guardas vivo na lembrança.

(*) Foi um moço de admirável inteligência, que «vinha revelando, desde a mais verde juventude, dotes excepcionais de poeta e prosador» (apud *O Estado de S. Paulo*, 10 de Julho de 1949, pág. 11). Acometido de grave enfermidade aos quinze anos, não chegou a terminar a última série do curso ginasial. Datam dessa época as suas primeiras poesias, e o jovem, embora ciente da marcha irreversível da moléstia, «não teve, entretanto, um momento de tibieza, demonstrando, ante a realidade da sua situação, extraordinária fortaleza de espírito» (id., *ibid.*). Além de

E' por isso, meu Pai, que dia a dia
Varo a senda da névoa espessa e fria,
Que o sepulcro de lágrimas nos junca,

Para ofertar-te, ao peito brando e forte,
A certeza da vida além da morte,
Na luz do Amor que não se apaga nunca.

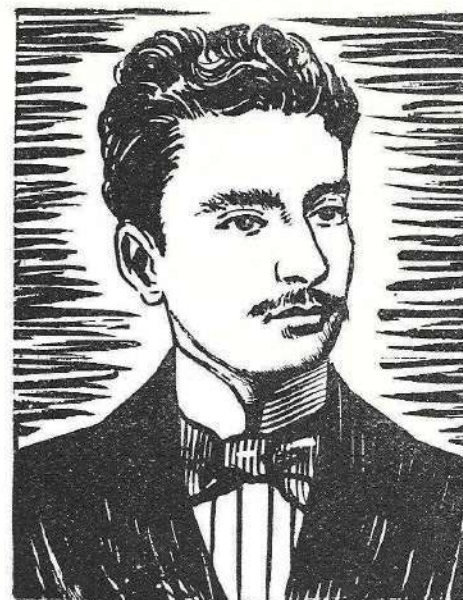


poesias, escreveu igualmente apreciados contos e se revelou novelista e epistológrafo. Versejava com «sedutora espontaneidade», o que levou Antônio d'Elia a afirmar que Paulo Sérgio «nasceu e viveu poeta» (apud Dic. Autores Paulistas, pág. 590). Possuidor, porém, de severo senso de autocritica, apenas consentiu que fôsem dados à estampa alguns de seus poemas. Partiu da Terra sem ter reunido em livro a sua produção esparsa ou inédita, o que só foi feito póstumamente. Na opinião de Dulce Salles Cunha (Aut. Contemp. Brasil, pág. 168), foi ele «o jovem de maior sensibilidade poética entre todos os novíssimos». (S. Paulo, Estado de S. Paulo, 28 de Janeiro de 1930 — S. Paulo, SP, 9 de Julho de 1949.)

BIBLIOGRAFIA: Poemas em Prosa; Dez Poemas; Poema da Eterna Caminhada.

4. Leia-se *cri-an-ça*, com diérese.

EMILIO KEMP Larbeck *



ALÉM-TÚMULO

1 A alma foge à cadeia... o corpo é a cela,
Cova e grilhão de que me desenfurno.
Mas reconheço, humilde e taciturno:
Inda estou preso ao chão que me afivela...

O firmamento exhibe a imensa umbela...
Descanso o olhar nos raios de Saturno...
Milhões de sóis brilhando, ao céu noturno,
São glórias de que a vida se constela...

(*) Depois de realizar seus estudos primários e secundários em Niterói, diplomou-se pela Faculdade de Medicina do Paraná, em 1920. Jornalista, poeta, romancista e comediógrafo. Exerceu importantes cargos técnicos e administrativos em Porto Alegre. Assumiu a direção, em 1913, do tradicional *Correio do Povo*, dessa mesma cidade. No Rio de Janeiro, foi redator de alguns jornais e colaborou nas revistas simbolistas. Membro da extinta Academia de Letras do Rio Grande do Sul e da Academia